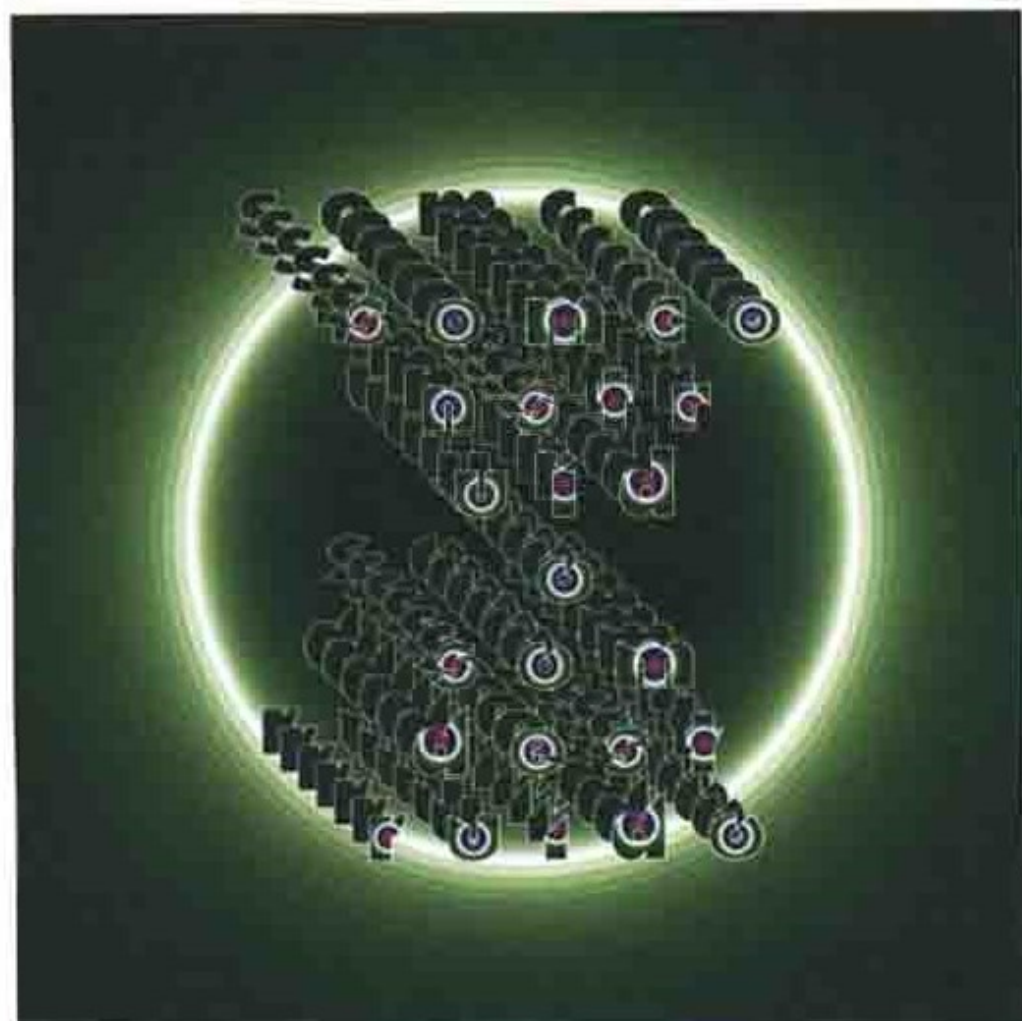


48 pensata

poluição sonora

Texto Cassiano Elek Machado
Imagem Cortesia Augusto de Campos

um passeio idiossincrático pelos *decibéis* da inapreensível paisagem sonora paulistana



som ao redor

Psu

Acima, o poema *Ruido* (1993), de Augusto de Campos, com a inscrição "som construído, som destruído".

Apoiada sobre uma geladeira, na entrada da Casas Bahia diante do Theatro Municipal de São Paulo, uma caixa de som Sony Sound Pressure Horn grita a plenos pulmões: "Quer casar no Rock in Rio? Só a Mix FM te conta como fazer sua festa na Cidade do Rock [pausa de dois segundos]. Mix FM – o melhor mix do Brasil".

Num final da tarde de uma sexta-feira de maio, o berreiro radiofônico propulsado pelo amplificador – quase do tamanho do refrigerador que o sustenta –, atravessa o viaduto do Chá. Cruza com a freada brusca de um ônibus, com a flauta de um músico andino, com as sirenes de um furgão do Corpo de Bombeiros, com a canção *Se Namorar Fosse Bom*, tocada em alta frequência na bijuteria Caldê, com os latidinhos dos cachorros de brinquedo vendidos pela ambulante, com a britadeira que faz um buraco na praça do Patriarca, em frente à Prefeitura de São Paulo. Fosse alguns decibéis mais alta, a gritaria do radialista da Mix FM talvez tivesse impulso para descer a rua Libero Badaró até o número 425, tomar o elevador e, ao cabo de 36 andares, se esgueirar por um labirinto de divisórias de Eucatex até chegar aos ouvidos do diretor do Psu.

O Psu você sabe: é o Programa Silêncio Urbano, instância da prefeitura criada em 1994 para "combater a produção da poluição sonora, emitida por atividades exercidas em nosso município". Faz barulho com pouco: José Eduardo Canhadas, engenheiro que dirige o organismo, conta com cerca de 60 técnicos para tentar amansar o rugido da metrópole, uma das mais barulhentas ao lado de Mumbai e Nova Délhi, na Índia, de Karachí, no Paquistão, de Cairo, Nova York e Tóquio.

A ferramenta disponível para os Psus é uma só: um aparelho que lembra os celulares primevos, mas com um microfone fofinho conectado a uma das extremidades. Logo veremos que não é difícil estar fora da lei.

Canhadas é um tipo de fala macia e baixa, bem apropriada a seu ofício. Ainda que algum ruído das conversas dos colegas de Psu vaze para dentro da sala do xerife do silêncio, não estamos num ambiente de pancadão, de feira livre, de bate-estacas. Mas o decibelímetro, a máquina em questão, registra 72 decibéis, acima dos 65 estabelecidos como limite legal em São Paulo, mesmo para as mais ruidosas zonas industriais, em horário comercial.

Na prática, quase todo estabelecimento comercial da cidade poderia ser autuado, quase a qualquer momento. Mas o Psu só corre atrás do prejuízo: fiscaliza apenas as queixas que recebe, pelo telefone 156, pelo site da prefeitura ou pessoalmente, em alguma das 32 subprefeituras. Já não é pouco. Ainda que só sejam aceitas denúncias a estabelecimentos comerciais (você nunca verá um técnico do Psu tentar interromper uma barulhenta festa em casa), o programa já havia recebido, só de janeiro a abril deste ano, 10.747 queixas. Cinco subprefeituras vêm disputando ano após ano a liderança nas reclamações: Mooca, Sé, Pinheiros – as campeãs em 2014 –, Vila Mariana e Ipiranga.

A distribuição real dos ruídos, no entanto, ainda é um mistério em São Paulo. Muitas cidades na Europa e mesmo na América Latina, a exemplo de Santiago do Chile, dispõem de "mapas do ruído". Um projeto de lei que tramita na Câmara Municipal tenta replicar essa experiência, um instrumento que poderia fundamentar políticas públicas contra a poluição sonora.

Essa é uma das bandeiras da ProAcústica, ONG criada há cinco anos para defender a melhoria da "qualidade acústica" nas cidades. Seu presidente, o engenheiro Davi Akkerman, diz que no terreno da qualidade ambiental sonora o Brasil vive uma fase de subdesenvolvimento. Na outra ponta da lista, segundo ele, estão os queridinhos

de muitos dos rankings de qualidade de vida e congêneres, os países nórdicos. "Em países como Dinamarca e Suécia há barulho até de menos", brinca Akkerman.

Se o controle de qualquer tipo de poluição passa por políticas de longo prazo de educação, há medidas "instantâneas" que poderiam ser adotadas. "Para começar uma obra em Nova York é preciso ter equipamentos certificados por qualidade acústica e é obrigatório instalar tapumes de ao menos quatro metros de altura", exemplifica. Em termos gerais, no entanto, a construção civil não é a maior fonte de poluição sonora. "Em qualquer grande metrópole, o ruído do tráfego é o grande vilão. Não só pelo excesso de ruído que ele gera, mas pela constância e pelo tamanho da população atingida por ele."

O barulho que mais incomoda cada morador naturalmente passa ao largo das estatísticas. Criador de uma das vertentes poéticas que melhor dialogou com o barulho das cidades, o paulistano Augusto de Campos diz que aprendeu com John Cage a "acolher musicalmente os ruídos ao par dos sons", mas que hoje há "ruídos inaceitáveis e até detestáveis". "Detestáveis são o 'panelaço' e o 'buzinaço' paulistanos, grosseira e anti-democrática demonstração de intolerância, desrespeito à opinião e ao sossego alheios", diz o fundador da poesia concreta e autor de célebres poemas como *Ruido* (1993).

Já outro artista íntimo dos estrondos paulistanos, Arnaldo Antunes, responde ao e-mail que perguntava sobre a poluição sonora com um "poema de circunstância", inédito. Com seu mar invisível terminamos este idiossincrático passeio pelo som ao redor de São Paulo.

*O ruído dos carros na
avenida
ouvido
pela janela do apartamento
parece
o barulho do mar.
Do mar
que não há em São Paulo.*